

Jacir de Freitas Faria

ALCANCES E LIMITES DOS APÓCRIFOS DO SEGUNDO TESTAMENTO

Resumo: O maior intento do cristianismo que se tornou hegemônico, dentre outros tantos cristianismos de origem, foi o de afirmar e comprovar a historicidade de Jesus, morto e ressuscitado, como realização das promessas do Primeiro Testamento. Assim, o cristianismo se justificou diante do império romano como religião antiga e ganhou credibilidade. Para conservar a memória do evento histórico, Jesus de Nazaré, e o Cristo da fé surgiram literaturas, uma canônica e outra cunhada erroneamente de apócrifa, a qual urge ser estudada de forma teológica, histórica, crítica, ecumênica e pastoral. Perguntar pelo alcance e limite dos apócrifos do Segundo Testamento na ação pastoral e na catequese da Igreja, mesmo que ela tenha sido considerada canônica, é o que propomos com a presente comunicação.

A leitura dos apócrifos do Segundo Testamento, considerando seus alcances e limites, nos possibilitará a superar os entraves históricos do rótulo: 'os apócrifos são todos fantasias e falsas teologias'. O processo de seleção desses livros foi marcado por batalhas teológicas que tiveram forte influência na estruturação do cristianismo apostólico que se tornou o hegemônico. Compreender a identidade das Igrejas passa pelo estudo desses textos.

Os apócrifos: classificação e disputas teológicas

Para entender os apócrifos do Segundo Testamento, urge, primeiramente, classificá-los em três categorias, a saber: aberrantes,

complementares e alternativos.¹ Por *aberrantes* se entendem aqueles que falsearam ou exageraram ao descrever os fatos, por exemplo, da infância de Jesus. Já os *complementares* são aqueles que apresentam dados que complementam os textos canônicos. Neste grupo estão, por exemplo, os Evangelhos sobre Maria, a mãe de Jesus. Os *alternativos* são os que trazem novidades, seja no conteúdo, seja na expressão de um pensamento rejeitado e condenado ao esquecimento pelo pensamento hegemônico da época. O Evangelho de Maria Madalena é o melhor exemplo para um texto alternativo apócrifo. Não considerar essa divisão é colocar os apócrifos em uma única categoria, a de textos falsos, mentirosos e não inspirados. Se os apócrifos podem ser considerados aberrantes, complementares ou alternativos em relação aos canônicos, há de se considerar também que o cristianismo que se tornou hegemônico também conformou muitos textos inspirados ao seu modo de pensar.²

O cristianismo que se tornou hegemônico venceu os vários tipos de cristianismos propostos, formando uma cristandade, mas não conseguiu eliminar todos eles. Muitos continuaram existindo e propondo novos cristianismos, inclusive em nossos dias. O cristianismo hegemônico assimilou formas, até mesmo aberrantes de cristianismos apócrifos. Muitos movimentos apócrifos cuidaram de fundamentar, defender e complementar, com outras ideias e informações, as propostas conservadoras do cristianismo hegemônico. Os cristianismos alternativos, verdadeiros ou não, resistiram ao longo dos séculos. Muitas de nossas práticas e profissões de fé cristã católicas, ortodoxas, gregas ou evangélicas têm também seus fundamentos nas origens apócrifas do cristianismo. Na maioria das vezes, nem temos consciência disso. Cito apenas

¹ Para compreender os apócrifos no seu contexto histórico, veja o nosso livro *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos - Poder e Heresias!* Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Série Comentários aos Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2009.

² Cf. EHRMAN, Barth D., *Cristianismos perdidos*, 313-329.

algumas, tais como: aceitação do Primeiro Testamento judaico como literatura inspirada; a humanidade e a divindade de Jesus; posturas anti-judaicas; desprezo pelo corpo e a visão negativa do sexo; a luta para escapar do mundo material com práticas ascéticas³; devoções mariana; vivência intimista e individualizada da fé sem a necessidade de uma estrutura eclesial e hierárquica etc.

Ler os apócrifos é também considerar as disputas teológicas que marcam o contexto histórico de cada um deles. Tais disputas teológicas aconteceram entre o cristianismo que se tornou hegemônico com grupos e movimentos, como os gnósticos e suas ramificações, os gnósticos docetas, encratistas, fibionitas, cainitas, mas também os ebionitas, marcionitas, donatistas, arianos e tantos outros, que nem tiveram seus nomes registrados nos anais da história. Todos defenderam seus pensamentos sobre a divindade de Jesus, salvação, sofrimento, ressurreição, martírio, virgindade, trindade, conhecimento que salva etc. Muitos desses grupos foram liderados por importantes cristãos, como: Ário, Nestório, Marcião, Pelágio, Valentino, Donato etc.

Ler os apócrifos exige um acurado estudo histórico da época de cada um deles. O contexto histórico é muito importante para compreender o porquê da expressão de fé transformada em livros apócrifos. Os apócrifos marianos, por exemplo, surgiram num contexto de retomada da devoção a Maria virgem e mãe.

A história do cristianismo nos revela um contexto de negação e afirmação de verdades de fé sobre Jesus. Cada grupo, procurando manter fidelidade aos ensinamentos de Jesus, defendeu o seu ponto de vista. No Evangelho de Maria Madalena 17, 9-19, após Madalena dar o seu testemunho sobre os ensinamentos de Jesus, *“André, então, tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos: O que pensais vós do que ela acaba de contar? De minha parte, eu não acredito que o Mestre tenha falado assim; estes pensamentos diferem daqueles que nós conhecemos. Pedro ajuntou: será possível que o Mestre tenha*

³ Cf. EHRMAN Barth D., *Cristianismos perdidos*, 363-365.

conversado assim, com uma mulher, sobre segredos que nós mesmos ignoramos? Devemos mudar nossos hábitos; escutarmos todos esta mulher? ”⁴ Esse exemplo mostra um testemunho do século II sobre o papel da mulher no cristianismo em relação aos homens.

Modelos de Igreja

Além de identificar as várias formas do cristianismo, não podemos deixar de considerar, na leitura dos apócrifos, a forma e o modelo de igreja que cada um deles representa ou defende. A cristandade surgiu em meio a várias formas de cristianismo e numa disputa de valores e ideias, algumas delas se solidificaram como verdades de fé e outras foram condenadas ao ostracismo, por serem consideradas heréticas. Por isso, ler os apócrifos é também considerar as questões políticas eclesiais que lhe são peculiares. Havia disputa de poder no início do cristianismo. Somente um tipo de cristianismo se tornou hegemônico, vencedor das disputas teológicas sobre Jesus.

Outro fator preponderante na leitura dos apócrifos é a questão de gênero. As mulheres tiveram sua liderança ceifada, no fim do século II, em favor da liderança masculina. Esse fator nos impõe uma leitura de gênero dos apócrifos, de modo que possamos resgatar o papel de Madalena como apóstola do cristianismo e nunca como prostituta. Também Maria, a mãe de Jesus, é descrita nos apócrifos como mãe virgem e apóstola de seu filho. Essas duas mulheres foram apresentadas, historicamente, como modelos de cristãos. Madalena, a prostituta toda impura que se converteu, e Maria, a santa toda pura. Um modelo dependeu do outro para sobreviver.

A leitura dos apócrifos deve também nos remeter aos vários gêneros literários, a partir dos quais eles foram escritos. Cada gênero tem seu contexto vital. Cada um deles tem o seu modo próprio de

⁴ Para um comentário ao evangelho de Maria Madalena, veja o nosso livro *As origens apócrifas do cristianismo. Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 2004.

ensinar e transmitir uma visão de fé. Não podemos ignorá-los na leitura dos apócrifos.

A leitura pastoral e catequética dos apócrifos é algo novo que nos desafia no estudo desses textos. A tradição popular perpetuou, na memória oral e escrita, os ensinamentos de fé dos apócrifos. O imaginário popular quis que essa fé não se perdesse, mesmo que não tivesse sido considerada a oficial. O povo iletrado, de modo especial, conservou essa fé “inspirada” por outros caminhos, construindo um saber histórico que é perpassado de geração em geração, na oralidade e na vivência de fé de seus valores. As tradições orais e escritas, sejam elas apócrifas ou canônicas, estão permeadas de interações recíprocas. Foi assim com a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte e com tantos outros aspectos da fé mariana católica.

As muitas expressões de fé dos apócrifos complementares acabaram se tornando quase inspiradas na tradição oral. Suspeitamos que formas atuais de viver, por exemplo, a nossa fé mariana católica, são elucidadas com a leitura dos apócrifos sobre Maria. Sobre Maria pouco se escreveu na Bíblia. As comunidades sentiram-se impelidas a ampliar essas informações de modo devocional e piedoso. Nesse sentido, identificar as formas de oração no contexto da devoção a Nossa Senhora da Boa Morte poderá esclarecer o modo como ainda vivemos a nossa devoção mariana. No Brasil, o catolicismo português trouxe a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte, a qual foi assimilada pelas irmandades negras da Boa Morte como forma de resistência de um povo negro escravo que, não desrespeitando a fé católica, conservou a sua própria fé. Já os outros fieis, os brancos, encontraram nessa devoção de origem apócrifa a resignação diante da morte e aumentaram, assim, a fé na vida pós-morte.

Não se podem negar essas constatações acima elencadas e devemos nos perguntar sempre: Em que os apócrifos podem nos ajudar na fé crítica, alicerçada nas bases de uma teologia que liberta? Como nos libertar de visões apócrifas não libertadoras presentes em nosso meio? Quais são os alcances e limites dos apócrifos? Como

dialogar com esses textos de origem sem o medo de nos deixar *contaminar* por eles? Como eliminar o risco de querer defendê-los como textos inspirados? O estudo dos apócrifos não pode ter como objetivo lutar pela sua canonização, afirmação de sua inspiração. Eles são textos de experiência de fé, por mais exageradas que sejam, mas que revelam um outro pensamento, um outro cristianismo que se perdeu.

Os limites e alcances dos apócrifos

Os limites que decorrem no estudo dos apócrifos, dentre outros, são:

1. Trata-se de uma literatura pouco conhecida e estudada pela maioria dos cristãos, pois, por muitos anos a Igreja impediu o estudo dos apócrifos, por serem uma literatura de oposição ao cristianismo que se tornou hegemônico;
2. Falta de preparação das comunidades para vencer paradigmas em relação aos apócrifos;
3. Foram escritos, na sua grande maioria, após os canônicos;
4. Estão permeados de fantasias, aberrações, o que impede sua utilização para a fundamentação histórica do evento Jesus.
5. Podem induzir o leitor a pensar que o cristianismo institucionalizado não procede.

O alcance da literatura apócrifa do Segundo Testamento parte do pressuposto de que ele deve ser feito de forma crítica e ecumênica, o que possibilita o resgate da face dos cristianismos perdidos ou excluídos, revelando a luta desenfreada pelo poder nos primórdios do cristianismo, bem como oferece elementos da catequese dos primeiros cristãos ainda presentes no imaginário popular. Por fim, ele mostra o lado multiforme do cristianismo nas

origens. Os apócrifos do Segundo Testamento representam a linguagem mitológica do cristianismo.

Mesmo que queiramos negar os cristianismos antigos, isso não é possível. Eles estão aí e permanecerão sempre no imaginário popular, na fé libertadora e conservadora, no ecumenismo e na ortodoxia. O que vale é uma leitura ecumênica, dialogal com esses pensamentos apócrifos.

Somos eternos devedores de uma fé sólida e eficaz aos nossos predecessores que construíram o cristianismo que hoje vivenciamos, mas é salutar e libertador conhecer outras formas de cristianismos, bem como entender a nossa fé a partir desses cristianismos antigos e perdidos. A nossa fé se torna mais adulta, libertadora e comprometida com os valores de fé, que não podemos abrir mão. Nessa mesma linha de raciocínio, estou também convencido de que o conhecimento de nossa origem judaica, na fé e na tradição, é outra tarefa diária, se quisermos sermos ecumênicos com os nossos irmãos judeus. O cristianismo é uma releitura do judaísmo. Não é possível ser cristão sem conhecer o pensamento judaico.

Conclusão

Os apócrifos nunca serão considerados inspirados, e nem isso deve ser a nossa bandeira de luta. Basta respeitá-los como formas de cristianismos que procuraram ser verdadeiros, mesmo que não tenham sido como tais. Basta também compreender que eles foram vozes alternativas abafadas e perseguidas pelo cristianismo que se tornou hegemônico, num misto de poder e heresias.

Referências

EHRMAN, Bart D. Evangelhos perdidos. As batalhas pela escritura e os cristianismos que não chegamos a conhecer. São Paulo: Record, 2008.

FARIA, Jacir de Freitas. As origens apócrifas do cristianismo. Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos. Uma leitura de gênero. Série Comentários aos Apócrifos. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Vida secreta dos apóstolos e apóstolas à luz dos Atos Apócrifos. Série Comentários aos Apócrifos. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. El outro Pedro y la outra Magdalena según los apócrifos. Una lectura de género. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2005.

_____. História de Maria, mãe e apóstola de seu Filho, nos evangelhos apócrifos. Série Comentários aos Apócrifos. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos - Poder e Heresias! Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Série Comentários aos Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Infância apócrifa do menino Jesus. Histórias de ternura e travessuras. Série Comentários aos Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2010.

KLAUCK, Hans-Josef. Evangelhos apócrifos. São Paulo: Loyola, 2007.

MORALDI, Luigi. Evangelhos apócrifos. São Paulo: Paulus, 1999.

OTERO, Aurélio de Santos. Los evangelhos apócrifos. Madri: BAC, 1991.

PAGELS, Elaine. Os Evangelhos Gnósticos. São Paulo: Cultrix.

PIÑERO, Antonio. O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos. São Paulo: Paulus/Mercuryo, 2002.

_____. Textos gnósticos. Biblioteca de Nag Hammadi, v. 2 e 3. Madrid: Trotta, 1999.

PIÑERO, Antonio; TORRENTES, José Montserrat; BAZÁN, Francisco Garcia. Textos gnósticos: Evangelios, Hechos, Cartas. Biblioteca de Nag Hammadi, II. Madrid: Trotta, 1999.

PIÑERO, Antonio e DEL CERRO, Gonzalo, Hechos Apócrifos de los Apóstoles, v. 1. Madrid: BAC, 2004.

RAMOS, Lincoln, A história do nascimento de Maria. Proto-evangelho de Tiago. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____, Fragmentos dos Evangelhos Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____, São José e o menino Jesus. História de José o carpinteiro e Evangelho do Pseudo-Tomé. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____, Morte e assunção de Maria. Trânsito de Maria - Livro do Descanso. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____, A paixão de Jesus nos escritos secretos. Evangelho de Nicodemos (Atos de Pilatos) - Descida de Cristo aos infernos - Declaração de José de Arimatéia. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____, O drama de Pilatos. Cartas entre Pilatos e Herodes - Cartas entre Pilatos e Tibério - A Morte de Pilatos e outros textos. Petrópolis: Vozes, 1991.

PROENÇA, Eduardo de. Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

SANTIAGO, Martin. Evangelho Secreto da Virgem Maria. São Paulo: Paulus / Mercury, 2004.

TILLESSE, Caetano Minette. Extracanjônicos do Novo Testamento. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2004.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira. Apócrifos. Os proscritos da Bíblia, I, II, III, IV. São Paulo: Mercury.

VV.AA. Apócrifos do Segundo Testamento. RIBLA, 58, Petrópolis: Vozes, 2007/3. Internet: www.bibliaeapocrifos.com.br

Nome: **Jacir de Freitas Faria**

Titulação: Doutorando

Instituição: Instituto São Tomás de Aquino (ISTA)

Possui graduação em Filosofia pelo Instituto Filosófico Teológico Franciscano de Petrópolis (1984), graduação em Teologia pelo Instituto Filosófico Teológico Franciscano de Petrópolis (1987) com convalidação pelo ISTA/BH. Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma - PIB (1996) com convalidação pela PUC-RS. Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (2018). Professor EaD-PUC-MG. Professor conteudista nos cursos de Teologia EaD-Universidade São Francisco (USF/SP) e Universidade Católica de Brasília (UCB). Professor de Exegese Bíblica no Instituto de Teologia Sagrado Coração de Jesus. Professor em cursos de Teologia para leigos. Exerceu, por mais de duas décadas, a docência em exegese bíblica no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA/BH), onde também atuou como reitor. Avaliador Institucional do MEC. Membro dos grupos de pesquisa da PUC-Minas e da Faje/BH. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Membro efetivo, ocupante da cadeira n20 da Academia Divinopolitana de Letras. Especialista em literatura apócrifa do Segundo Testamento, sendo esse o tema de sua pesquisa no doutorado. Autor de dez livros, coautor de dezesseis e de mais de duas centenas de artigos. Tem experiência na área de Teologia/Ciências da Religião, com ênfase em Bíblia: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos, Pentateuco, Sapienciais, Profetismo, livros históricos, Evangelhos e Apocalipse. Assessora cursos de leitura bíblica para comunidades e centros de formação para leigos. Homepage: www.bibliaeapocrifos.com.br Oferece aulas de Bíblia e Apócrifos no You Tube pelo canal próprio: Frei Jacir Bíblia e Apócrifos <https://www.youtube.com/c/FreiJacirdeFreitasFariaB%C3%ADbliaAp%C3%B3crifos>

Informações coletadas do Lattes em 24/10/2022